

COADJUVANTES OU PROTAGONISTAS? Os Xucuru-Kariri como sujeitos ativos de sua História

AMANDA MARIA ANTERO DA SILVA¹

JOSÉ ADELSON LOPES PEIXOTO²

RESUMO: Os índios foram e são protagonistas de uma história repleta de atos violentos e desprezíveis, mas que através da resistência conseguiram preservar seus hábitos culturais com ênfase na religião, principalmente por ela ser a definição de seu povo. Este artigo tem como finalidade expor os aspectos de resistências praticados pelos Xucuru-Kariri, em prol da preservação de seus costumes, essa oposição aos ideais europeus envolve não só conflitos armados, mas também fugas e a prática da invisibilidade, e desse modo busca oferecer uma visão de que os índios estiveram à frente de seus objetivos como sujeitos ativos de sua história não apenas como expectadores e nem passivos diante da brutalidade da colonização. Essa pesquisa está pautada teoricamente nos estudos de Almeida, Bruit, Fanon, Oliveira, Freire, Ribeiro, Luciano, Silva Júnior, dentre outros, enriquecida com pesquisa de campo na Aldeia Mata da Cafurna, situada em Palmeira dos Índios no Estado de Alagoas, destacando que os índios continuam resistindo à violência que põe em risco sua vida e a de seus descendentes.

Palavras-chaves: Índio. Passividade. Resistência.

Considerações Iniciais

Durante muitos séculos, os índios foram seres violentados, desprezados e excluídos da sociedade, principalmente pela igreja que traz em sua história a imposição do catolicismo em detrimento da cultura indígena e a ambição por parte dos colonizadores que exploraram o trabalho dos nativos tratando-os como escravos.

Mesmo diante dessa situação padecedora de mortes, violência, opressão e perdas culturais e de território, os índios buscaram resistir de forma a preservar seus costumes para que continuassem sendo transmitidos para seus descendentes e não se perdessem no tempo, os indígenas se organizaram a fim de em alguns casos enganar e se precaver contra as investidas dos europeus que não mediam forças para retirar dos nativos tanto suas terras quanto a sua mais pura riqueza que seria a religião e a cultura, buscando extinguir todas as diferenças que pusessem em risco a ‘perfeição’ da cultura europeia.

E isso não foi diferente com os Xucuru-Kariri de Palmeira dos Índios, que buscaram e luta incessantemente pela consolidação de seus direitos, resistindo às investidas dos não

¹ Graduanda em História e membro do Grupo de Estudos de História dos Povos Indígenas de Alagoas – GEHPI-AL na Universidade Estadual de Alagoas – Campus III – Palmeira dos Índios. E-mail: amandaantero16@gmail.com

² Mestre em Antropologia e em Ciência da Educação. Especialista em Programação do Ensino de História e Licenciado em História. Atualmente é Professor Assistente na Universidade Estadual de Alagoas. E-mail: adelsonlopes@hotmail.com

índios em barrar a demarcação e qualquer forma de luta que possa dar uma maior visibilidade ao povo. E, para que essa pesquisa se efetivasse foi necessária uma pesquisa bibliográfica nos seguintes autores Almeida (2010), Bruit (1992), Fanon (1968), Oliveira e Freire (2006), Ribeiro (2009), Luciano (2006), Silva Júnior (2013), Silva (2004), Moreira, Peixoto e Silva (2010), sendo enriquecida com relatórios institucionais e pesquisa de campo na Aldeia Mata da Cafurna situada no município de Palmeira dos Índios no Estado de Alagoas.

Desse modo, o medo não foi capaz de parar com as atitudes indígenas em se proteger e se debruçaram em promover movimentos e posturas que davam a ideia de inferioridade, mas que na verdade estavam se camuflando e se resguardando contra os europeus considerados superiores, ou seja, existia e ainda impera uma perseverança e uma inteligência única caracterizada por táticas que visam maior resistência e a conquista de seus direitos a terra e a vida.

Resistência Indígena: uma busca pela sobrevivência

Quando falamos em índios nos vem à ideia de indivíduos edenizados, caracterizados pela sua inocência e pela sua passividade de aceitar as imposições europeias, no entanto essa é uma visão um tanto precipitada, pois os nativos de acordo com seus próprios conhecimentos e habilidades se organizaram e bateram de frente com os europeus podendo variar suas ações de acordo com o seu nível de civilidade. Aceitar a violência praticada pelos portugueses sem que houvesse represálias é acreditar que os índios eram inferiores, indefesos e desprovidos de qualquer sabedoria.

Os atos praticados pelos colonos e jesuítas foram marcados por uma intensa crueldade qualificada por doses de doenças infecciosas, exclusões, agressões físicas e emocionais, no entanto,

A violência que presidiu ao arranjo do mundo colonial, que ritmou incansavelmente a destruição das formas sociais indígenas, que arrasou completamente os sistemas de referências da economia, os modos da aparência e do vestuário, será reivindicada e assumida pelo colonizado no momento em que, decidindo ser a história em atos, a massa colonizada se engolfar nas cidades interditas. (FANON, 1968, p.30)

Quando os nativos perceberam que eram autossuficientes e capazes de enfrentar com agilidade e perspicácia as ações civilizatórias, passaram a buscar seu lugar na sociedade e a não aceitar a imposição europeia, se organizaram e fizeram frente aos portugueses, pois as guerras narradas por eles não poderiam ser efetivadas caso não houvesse ideais contrários

para que houvesse confrontos, um conflito não pode ser protagonizado por apenas um lado combatente.

Os índios não foram omissos diante da brutalidade da colonização que propunha uma miscigenação a fim de extinguir a cultura nativa, ato esse que não surtiu efeito, pois mesmo retirados de sua localidade de origem e tornados aldeados não perderam sua essência e continuaram dissipando aos mais novos os seus costumes, ainda que isso em muitos casos custasse a sua vida.

Ressalta-se que muitos resistiram, no entanto outros não aguentaram a pressão e foram se submetendo e sendo explorados, mas é de considerável atenção entendermos como mesmo diante de tantas violências havia uma postura, que buscava melhores condições de vida e trabalho, segundo Bruit

Mesmo derrotados, submetidos e explorados, os índios desenvolveram, ao mesmo tempo, práticas e comportamentos que tornaram o processo da conquista instável e o frustraram em seus objetivos, fazendo com que a nova sociedade mergulhasse numa crise permanente a partir de seus próprios fundamentos. (BRUIT, 1992, p.79)

Assim, a sociedade ficaria desestabilizada, pois muitos nativos se recusavam a trabalhar, uma vez que sem o trabalho não haveria alimentos para os europeus, fingiam ter se tornado cristãos, mas que ao mesmo tempo praticavam seus rituais, enquanto que as guerras também podem ser vistas como uma resistência armada em defesa de seu povo.

Entretanto, muito desses atos não podem ser considerados movimentos em todas as sociedades indígenas, pois as diferenças são notáveis, ou seja, afirmar que a maior parte dos povos resistiram de uma única forma é um exagero até porque os índios do Brasil são de diversas etnias e cada uma possui suas especificidades.

Os índios do Brasil compreendiam que deveriam se impor não deixando que os portugueses continuassem explorando suas habilidades e que precisavam agir tanto por meio de conflitos armados quanto por práticas camufladas, e que muitas guerras foram provocadas pela resistência e pela insatisfação dos índios sobre os missionários e colonos que os pressionava a seguir uma ideologia contrária a de origem.

Os indígenas estavam conscientes de que estavam sendo usados, pelos colonos e jesuítas, como meros objetos de lucratividade tanto econômica quanto religiosa e diante disso organizavam movimentos, principalmente coletivos a fim de barrar com o projeto colonizador e religioso que colocava em risco a cultura e o povo originário dessa terra como destaca Moreau.

Enquanto os jesuítas e colonos experimentavam novas formulas de controle sobre os índios, estes desenvolveram algumas posturas que configuram claramente uma resistência. Diante das escravizações, epidemias e aldeamentos, as cartas mostram movimentos coletivos, articulados com as tradições, em pelo menos quatro formas de rebelião (MONTEIRO, 1995): novas alianças de guerra, ou "confederações" (com o objetivo expresso de lutar contra o invasor), migrações para longe (como os tupinambás de Pernambuco, que, ainda no século XVI, reconstituíram sua sociedade na Amazônia), rebeliões armadas de escravos e aldeados, e movimentos messiânicos de sincretismo religioso (como a santidade de Jaguaripe, iniciada no sertão). (MOREAU, 2003, p. 341)

No período da colonização, os índios de acordo com seus interesses tornavam-se aliados dos europeus a fim de obter algum benefício que iam desde cargos nos aldeamentos a preservação de sua vida, os que não se aliavam ficavam a margem da escravidão, sendo capturados nas Bandeiras ou Entradas e levados pelos próprios índios, porém de outra etnia, para as aldeias e vilas. Os nativos deviam escolher entre ser aliado ou inimigo, podemos compreender essas alianças como uma traição, no entanto estar ao lado dos portugueses poderia trazer maiores chances de sobrevivência.

Não eram apenas os índios que possuíam interesses sob os europeus, estes também procuravam construir um vínculo de amizade e assim tirar proveito dos conflitos intertribais para se alto privilegiar, ou seja,

Tanto portugueses como franceses, holandeses e ingleses se serviam de tribos amigas para manterem suas conquistas e amplia-las. Em geral, a relação era de um branco para dez índios, chegando, não raro, para vinte, trinta ou até cem. Para conquistar alianças, os europeus se envolvia nas guerras intertribais, tomando partido, conforme suas conveniências. Os índios não só lutavam ao seu lado, como lhes forneciam todo o apoio necessário em alimentos, embarcações e esconderijos. (RIBEIRO, 2009, p.130)

As relações estabelecidas e efetivadas entre índios e europeus traziam em seu contexto interesses particulares, visando sempre à melhoria de sua vida e de seu povo, como já foi dito, para os portugueses os índios eram favoráveis à colonização e a exploração da nova terra enquanto que os nativos viam nos europeus um aliado que iria dar vantagens e ajudá-los a vencer seus inimigos e a defender seu povo.

Guerras, Fugas e Invisibilidade: resistências armada e camuflada em prol de uma cultura.

No processo de colonização, índios e europeus estabeleceram relações de conflitos e acordos muitas vezes quebrados que levava a uma hostilidade e desconfiança por parte dos

índios, um fato importante é que os portugueses necessitavam dos nativos para sobreviver na nova terra, e uma vez afastados dos europeus, tornava-os vulneráveis aos perigos da região, principalmente quando envolvia a busca por alimentos. É nessa concepção que os indígenas notaram que poderiam tirar proveito dessa situação e evitar que seu povo fosse massacrado.

A contribuição dos nativos favorecia a conquista, no entanto nem todos estavam ao lado dos portugueses, assim temos como exemplo as capitanias hereditárias que de acordo com alguns estudos, somente a de Pernambuco e de São Vicente tiveram êxito por terem colaboração de grupos indígenas, enquanto que as outras foram se dissolvendo.

Os conflitos eram uma forma de pagar com a mesma moeda todo sofrimento causado pela exploração e escravização, os índios não poderiam aceitar toda aquela chacina de braços cruzados muito menos ficar parados vendo todo seu povo desaparecer, a única forma de enfrentar armas é estar com elas em punho.

Algumas guerras, revoltas, rebeliões, marcam essa resistência do povo indígena, temos como principais exemplos à guerra dos bárbaros, a Revolta de Ajuricaba, a cabanada e a cabanagem, todos esses movimentos ocorreram tendo como agentes os nativos que insatisfeitos com a exploração e a escravização se viram na necessidade de se rebelar e tentar concretizar os seus direitos como indivíduos plenos.

Nem sempre essa resistência foi caracterizada por tensões armadas, diversas outras formas podem ser tomadas como movimentos que tinham em vista salvaguardar o povo indígena, a fuga pode ser considerada uma maneira de resistir e buscar novos modos de vida, grande parte dos índios que estavam estabelecidos no litoral e sofriam ardentemente com as imposições europeias escapavam para o interior com intensão de obter uma vida mais digna distante dos males causados por aqueles que se instalavam beira-mar.

As fugas favoreciam a fusão de povos que se uniam com o objetivo de se tornarem mais fortes e mais seguros diante das ofensivas europeias e conseqüentemente “os índios fugitivos adotavam táticas de emboscada para atacar tropas governamentais e bandeiras de preamento” (OLIVEIRA, FREIRE, 2006 p.84), enquanto uns se embrenhavam no sertão em evasão, outros ficavam e lutavam por seus ideais, reivindicando ao rei e a seus superiores cargos e benefícios.

Uma vez introduzidos no sistema colonial, o qual estava marcado por normas pautadas na exploração, no comércio de escravos e mercadorias, além na ideologia católica, os nativos tiveram que se acostumar com a nova sociedade em que passavam a viver que segundo Almeida,

[...] as atitudes dos índios em relação aos colonizadores não se reduziram, absolutamente, à resistência armada, à fuga e à submissão passiva. Houve diversas formas do que Steve Stern chamou de resistência adaptativa, através das quais os índios encontravam formas de sobreviver e garantir melhores condições de vida na nova situação em que se encontravam. Colaboraram com os europeus, integraram-se à colonização, aprenderam novas práticas culturais e políticas e souberam utilizá-las para a obtenção das possíveis vantagens que a nova condição permitia. Perderam muito, não resta dúvida, mas nem por isso deixaram de agir. (ALMEIDA, 2010 p. 23)

Os índios ao tempo que sofriam com os abusos praticados nos aldeamentos, de certa forma se adaptaram a habitar nas aldeias e a tirar proveito dessa situação, uma vez que estabeleciam contato com a nova cultura e aprendia como obter na lei, direitos, principalmente o de liberdade, “as aldeias, por sua vez, serão vistas aqui como espaços de sobrevivência dos índios aldeados na colônia, onde eles tiveram a possibilidade de reelaborar suas culturas e identidades” (ALMEIDA, 2010, p. 73).

A Resistência do Povo Xucuru Kariri

Em muitos casos, como ocorrido no Município de Palmeira dos Índios do Estado de Alagoas, a população indígena do povo Xucuru Kariri ficou a mercê de práticas que reprimiam e os excluía do meio social, pois eram vistos com desprezo e maldade o que provocava a interferência violenta da sociedade envolvente que defendia e ainda atesta que não há índios na região, nesse contexto os índios tiveram que se defender, fato que ocorreu de forma diferente, ou seja, eles praticaram a invisibilidade para sobreviver e permanecer praticando seus rituais, passando assim a realizá-los as escondidas como defende Silva Júnior

O toré em surdina ilustra uma das formas da estratégia da invisibilidade. As práticas ritualísticas, dentre outros elementos, estruturam esta estratégia; mesmo em surdina, ele constituía importante componente na definição étnica para os índios e, inclusive, para os brancos que tentavam reprimi-lo. (SILVA JÚNIOR, 2013, p. 55-56)

Dessa maneira, os índios preservaram sua identidade étnica, para que a sociedade os identificasse como tal, merecedores de respeito e valorização, além de que pudessem ser reconhecidos e assim dignos do direito a terra e a assistência do Estado, pois este apenas auxiliava aqueles que fossem caracterizados como ‘puros’, no entanto boa parte dos índios do nordeste apresenta um hibridismo cultural.

Além disso, deve-se destacar que a vinda do povo Xucuru Kariri para a região de Palmeira dos Índios se deu inicialmente como forma de fuga, pois a presença e a exploração

por parte dos colonizadores no litoral ameaçava a sua vivência na localidade sendo necessária a busca por novas terras para se instalarem como apresenta Moreira, Peixoto e Silva

Até a chegada dos colonizadores, na primeira metade do século XVIII, os Xucurus-Kariris viviam livremente no seu território. Porém, a chegada dos colonizadores e a ferrenha perseguição imposta por eles, fez com que grupos nativos se pusessem em fuga, fazendo com que duas etnias viessem a se estabelecer em Palmeira dos Índios, os Xucurus e os Kariris. (MOREIRA, PEIXOTO e SILVA, 2010, p.27)

O maior desafio enfrentado pelos Xucuru-Kariri é o de assegurar a seu povo a sua continuidade étnica, mas para isso é necessário que eles possuam seu espaço territorial consolidado através da demarcação de terras, que é sempre barrada pelas forças governamentais, uma vez que são os simpatizados do agronegócio que ditam as regras.

E, nessa luta por retomar um território que foi expropriado de seu povo, movimentos foram organizados para reivindicar por uma terra que será usada de forma plena, uma vez que,

Para os índios Xucuru-Kariri, a terra é muito mais que uma simples propriedade, que uma coisa que pode ser manipulada a qualquer instante, de acordo com os interesses individuais de seus membros; para os Xucuru-Kariri, assim como os demais povos indígenas, a terra representa o seu próprio modo ser/estar no mundo, ou seja, é impossível uma cosmovisão Xucuru-Kariri destituída da presença da terra, dessa alteridade essencial para o processo de constituição do povo Xucuru-Kariri. (SILVA, 2004, p. 9)

Percebemos com a afirmação acima que os indígenas possuem um sentimento e cuidado único com a terra, pois é através dela que realizam seus rituais, produzem o necessário para a sua subsistência, sua vivência está intimamente ligada à terra que serviu de abrigo para muitos de seus antepassados e hoje é necessária para a sua continuidade.

Desse modo cinco retomadas foram realizadas nos anos 1979, 1986, 1994, 2002 e 2008, respectivamente, algumas foram bem sucedidas enquanto outras foram barradas pela justiça, mesmo assim mostraram para o mundo sua luta e sua reivindicação por esse espaço tão precioso para seu povo e que é seu por direito.

E em meio a essas lutas muitos sofrem represálias, ameaças são correntes, lesões corporais e emocionais, levando muitos a recuarem quando percebem que as investidas podem vir carregadas de atos irreversíveis por parte de latifundiários que buscam barrar qualquer movimento que prejudique a sua riqueza.

O mais incrível é que há indícios e comprovações de que estas terras que são reivindicadas já abrigaram seus antepassados e ainda se nega a existência de índios no município, como afirma Carrara,

(...) a ocupação da área é comprovadamente anterior à conquista do território pelos portugueses em 1500, como atestam os laudos antropológicos e outros autores que estudaram os inúmeros sítios arqueológicos existentes na área em estudo, contendo igaçabas, ossadas humanas e artefatos de natureza indígena e de procedência não-tupi. Podemos deduzir que se trata de cemitérios pertencentes a tribos da nação Kariri ou Tarairu. (CARRARA, 2004, p.61)

Assim, não há dúvida de que a cidade que hoje é denominada de Palmeira dos Índios foi refúgio e morada para diversos índios que deixaram suas marcas e hoje servem para afirmar que sim, existiu e existem índios na localidade, e que esse território que espera por demarcação é por direito dos povos indígenas.

E mesmo perante tantas negações, violências e omissões seu povo vem resistindo, buscando incansavelmente por aquilo que consideram justo e por direito, principalmente quando pensam em um futuro prospero para seus descendentes, quando eles possam se afirmar índios sem serem reprimidos ou condenados.

Considerações Finais

Em virtude das formas de resistências aplicadas pelos índios, constatamos que eles não foram passivos, mas que estiveram integrados em lutas estratégicas a fim de permanecer viva a sua cultura e seus descendentes. Todas essas práticas foram fundamentais para que os povos indígenas se mantivessem fortes e ativos para enfrentar qualquer obstáculo que a sociedade envolvente os colocasse e assim permanecer atuante em meio a um espaço de hostilidade para com a sua cultura e vida.

É notório que essa luta não acabou, pois ainda conserva-se aquela ideologia de índio fraco, preguiçoso, bestial e selvagem que está tão arraigada na história do Brasil que se apresenta ao mundo como algo natural, entretanto essa é uma tese que deve ser apagada e buscar dar uma maior visibilidade a essa história de resistência que por muito tempo foi silenciada. É necessário vermos os índios não como meros nativos que foram destituídos de suas terras mais como sujeitos que estiveram sempre batalhando por um lugar nessa sociedade, lugar esse que já foi seu em tempos remotos.

Na atualidade, o índio já apresenta sua luta e cultura a partir de sua própria concepção a qual está integrado e não mais com a visão deturpada de indivíduos egoístas e ambiciosos que visam apenas dar uma versão da história. Eles devem ser percebidos como a nossa base de formação e nossos conterrâneos, que mesmo diferentes são merecedores de respeito e valorização.

Referências

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. **Os Índios na História do Brasil**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

BRUIT, Héctor H. O visível e o invisível na conquista hispânica da América. In _____. **América em tempo de conquista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992. Cap.4, p.77-99.

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Tradução: José Laurênio de Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

LUCIANO, Gersem dos Santos. **O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

MOREAU, Filipe Eduardo. **Os índios nas cartas de Nobrega e Anchieta** – São Paulo: Annablume, 2003.

MOREIRA, Ana Cristina de Lima. PEIXOTO, José Adelson Lopes. SILVA, Tiago Barbosa da. **Mata da Cafurna - Ouvir Memória, Contar História: Tradição e Cultura do Povo Xucuru-Kariri**. 2º edição. Maceió: Edições Catavento, 2010.

OLIVEIRA, João Pacheco de. FREIRE, Carlos Augusto da Rocha. **A Presença Indígena na Formação do Brasil**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

RELATÓRIO Preliminar Circunstanciado de Identificação e Delimitação Terra Indígena Xucuru-Kariri/AL. Disponível em <http://www.bchicomendes.com/cesamep/relatorio.htm>. Acesso em 21/01/2015.

RIBEIRO, Berta. **O índio na história do Brasil**. 12 ed. São Paulo: Global, 2009.

SILVA, Maria Ester Ferreira. **A (des) territorialização do povo Xucuru-Kariri e o processo de demarcação das terras indígenas no município de Palmeira dos Índios – Alagoas**. 2004. Dissertação – Universidade Federal do Sergipe. Sergipe.

SILVA JÚNIOR, Aldemir Barros da. **Aldeando Sentidos: os xucuru-kariri e o serviço de proteção aos índios no agreste alagoano**. Maceió: EDUFAL, 2013.